

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
 FORA D' AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
 BRAZIL, (moed. forte) e Africa oriental anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 15 rs.
 No corpo do jornal: cada linha 20 rs.
 Numero avulso 30 rs.
 Redacção e administração — rua Direita.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A'aquelles a quem nos dirigimos hoje por carta rogamos a fineza de satisfazer ao pedido que a mesma contém, fazendo-o com a maior brevidade e por maneira que mais lhes convenha.

Queremos regularisar a nossa escripturação, e precisamos para isso de realisar as quantias dos nossos assignantes que se acham em debito; esperando receber-lhes esse obsequio.

Aos que com tanto cavalheirismo tem correspondido ao nosso appello, agradecemos.

A VEIRO

O REI E O POVO

Quando não bastasse o mais são e sereno raciocinio e os factos de quasi todos os dias, a escandalosa e injustificavel prohibição de solemnisar a gloriosa data de 1820 constitue uma affronta pusilanime e covarde lançada ás faces do paiz que pretendia memorar uma das phases politicas que iniciou o seu advento ás regalias populares. O rei influindo directamente no animo do ministro do reino para tolher a grande manifestação patriótica, confirmou a ruptura e a incompatibilidade com o estado. A corôa allucinada pela miragem d'um rompimento impoz pelas bayonetas silencio ao povo ameaçando fustigar-se ou osasse dar expansã a alegria despertada por uma epoca em que uma revolução popular amarfanhou o manto real para lhe oppor uma constituição rela-

tivamente livre, mas muito, muito menos restricta do que a que nos foi outorgado pelo rei soldado!

Isto é um feudo. O solo portuguez é patrimonio d'uma familia, e nós somos os páreos, os servos de gleba, os escravos indignos d'um tão bondoso senhor. O nosso dever é trabalhar, sustentar-lhe a opulencia com o fructo do nosso suor e obedecer. Quem desobedece é lançado á margem do esquecimento regio, se reincide, assassina-se. Não ha meio termo. Quem teve a petulante e audaciosa lembrança de festejar o movimento de 1820 em que os insurgentes d'então conseguiram arremear a escravaria para cima do seu senhor, impondo-lhe condições de obediencia relativa? Um desacato!... Uma profanação!... Uma... Basta de ironias que nos gelam nos labios o sorriso de desprezo por toda essa palhaçada repugnante, mas muito propria, perfeitamente adaptada a este publico alvar, indifferente aos proprios sentimentos de dignidade por crassa ignorancia ou por uma sordidez que lhe avassalou e pulluiu a consciencia.

D. Luiz de Bragança vê no mais pequeno movimento o germen d'uma pavorosa que deve derruir-lhe o throno, e no terror instinctivo da propria conservação é que se inspiram aquelles ridiculos apparatus bellicos para lhe serenar o animo cheio de espectros revolucionarios de barretes phrygios. E' d'uma leviandade picaresca este sr. D. Luiz.

Prohibindo inopinadamente o cortejo civico ao tumulo de Fernandes Thomaz o governo provocou mais a animadversão publicou, e deu ao acto um caracter que elle não tinha, que não devia ter, apezar dos seus iniciadores

pertencerem a um agrupamento republicano. Era uma festa de puro caracter nacional, uma festa do povo e só do povo, a que a magestade não obstante podia aliar-se embora esse passo fosse incoherente e de encontro ás tradições da realza fraternizar com os seus subditos. Solemnisava-se a apothose d'uns heroes que ou saram modificar consideravelmente as prerogativas realengas, e era só essa valiosa conquista arrancada pela força a um governo despotico que a capital memorava; mas o soberano ordenando em principio aos seus creados que dessem licença para se realisar a manifestação, nunca julgou que ella tomasse proporções assombrosas, e apavorado revogou a sua real palavra com uma semceremonia como não o faria o mais infimo dos seus vassallos. E nem com esse extremo d'uma descortezia censuravel pôde frustrar nem sequer empanar o brilho da grandiosa homenagem prestada aos benemeritos de 20.

Segundo calculos auctorisados, computa-se em 50:000 as pessoas que se agitavam no domingo dentro e fóra do recinto do cemiterio dos Prazeres em Lisboa. Era uma molleimmensa movendo-se com a maior ordem em flagrante represalia aos desejos dos adeptos do sr. D. Luiz. Foi uma tremenda lição aos nossos adversarios que apodam de amotinadores os republicanos, e mais um grande passo andado para o ideal das nossas aspirações, que os vandalos anceiam afogar em sangue.

O rei labora inconscientemente para precipitar os acontecimentos, que hão transformar fatalmente o nosso regimen politico; e n'essa insanía apparenta forças que não tem, julgando salvar o

throno das contingencias d'um reviramento, que ha de dar-se n'um periodo mais ou menos proximo segundo a estrategia monarchica for melhor ou peor dirigida. A prohibição do prestito civico, desvirtuando-lhe o seu verdadeiro caracter, foi para nós d'um grande alcance politico. O rei accentua cada vez mais a sua incompatibilidade com as exigencias modernas, e n'esta coherencia que não podia evitar sem cahir no ridiculo pela heterogeneidade dos dois campos, vae-se distanciando do paiz, caminhando para a penumbra, e a breve espaço vel-o-hemos por um oculo n'algum cosmorama como um curioso especimen da moderna idolatria.

A. P.

EL-REI TEM MEDO!

As hostes aguerridas do nosso real senhor acabam de proclamar a guerra santa contra o partido republicano, porque el-rei tem medo e o throno real não está muito firme!

Todos os partidos monarchicos colligados, sob o commando do real dono, tocam a reunir nos seus arraiaes e os fiéis soldados estão a postos para nos exterminar, á primeira voz do real commandante.

Mas el-rei tem medo!

Os generaes traçam o plano para a campanha! Os corpos ficam de prevenção nos quartéis! As guardas são reforçadas! As patrulhas dobradas giram em volta do real alcaçar! Os policias andam n'um corropio! O Sergio de Castro escreve artigos para o *Illustrado*! O Costa apita! E com toda esta palhaçada bellica el-rei tem medo!!!

Mas vossa magestade podia viver socegado e sem medo se mandasse para o diabo os seus fiéis conselheiros.

Para que mandou os seus laçaios prohibir o cortejo civico que se devia realisar em Lisboa no dia 24 do pasado mez? Por ter medo?

—Pedro? perguntou a sr.ª Rochereuil com angustia.

A pobre velha não respondeu; occultava a cara com as mãos e continuava a soluçar.

A sr.ª Rochereuil então, mais palida do que um cadaver, voltou á praça onde alguns grupos tinham já debandado. Alguns homens e mulheres pareciam examinar qualquer coisa com curiosidade.

Elle encaminhou-se para ellestar. Quando viram dirigir-se, todos se affastaram com uma especie de espanto. A sr.ª Rochereuil avistou a nodoa vermelha no solo, e, indicando a com o dedo:

—Foi alli, meus senhores, não é verdade? disse ella docemente.

Ninguém teve força para responder. Os homens descobriram-se e as mulheres benzeram-se. Depois uns e outros retiraram silenciosos. A sr.ª Rochereuil ficou só, pertalada, immovel, com os olhos fixos e enxutos. Durante mais de uma hora não fez um movimento; e a sua creada por fim aproximou-se d'ella, e, tocando-lhe no braço:

—Minha senhora, disse timidamente, desejaes ir para casa?...
 A sr.ª Rochereuil pareceu não ouvir.

—E' que, continuou a creada, está lá uma pessoa que vos traz uma carta... d'elle...
 A sr.ª Rochereuil estremeceu, e dos olhos rebentaram-lhe abundantes lagrimas, e deixou-se conduzir.

XXXIII

Dégrange não ficou muito contente, por que os seus serviços para a captura de Rochereuil ficavam reduzidos a quasi nada.

Pois eu creio lá que vossa real magestade esteja tão cheia de medo?

Medo de quê? dos republicanos? Vossa real magestade hade perdoar-me, mas parece-me que está demente!

Nós, uns miseros jacobinos, podemos lá metter medo a vossa real magestade, que tem a seu lado, promptos a defendel-o, dezoito mil homens armados e equipados?!

Mas alem dos dezoito mil homens, não tem vossa magestade para firmar o seu já bastante aluido throno, o *carro* valido, a penitenciaria, o Sergio de Castro, o Limoeiro, o ferrabraz da municipal e o seu *amigo* marquez de Vallada.

Real senhor, com escoras tão solidas não se deve ter medo!

Mas creia que eu venho hoje com toda a humildade agradecer-lhe a prohibição do cortejo.

Nós sempre fomos e seremos gratos áquelles que nos auxiliam na propagação das nossas ideias e no augmento do nosso partido.

Vossa magestade engana-se, se julga que com as suas ordens ridiculas e insolitas, aniquila o partido republicano.

Dá-lhe mais força, creia!

Olhe que o nosso partido é muito forte e não vae assim á primeira investida dos seus laçaios!

O nosso partido, *real senhor*, é o partido do povo, que tudo paga e tudo pode. E elle, o povo, quando quèr, tão depressa arrasa uma bastilha como atira dois pontapés n'um throno. Cautella, *real senhor*. Isto não é uma ameaça; isto é apenas um conselho de amigos.

Eu se um dia fosse rei, creia vossa real magestade que tinha em mim um collega *reinaldo*.

Pois eu prohibia lá as festas do povo que me dava os *cobres* para eu gastar na orgia?

Quem era tolo?

La comendo e bebendo á custa do *Zé*, mas não lhe dava com os pratos na cara como vossa real magestade faz.

Por menos do que isso, já o real Luiz XVI cahiu guilhotinado!

As coisas estão muito sérias, *real senhor*!

Eu levo tudo isto a rir, mas quando me lembro que os reis de Napoles,

chereuil ficavam reduzidos a quasi nada. Foi um mancebo enviado pelo ministerio da guerra sob os conselhos de Méhu da Guiche que teve essa honra. Alem d'isso, nenhum dos companheiros de Rochereuil foi agarrado. Uns abandonaram immediatamente paiz, outros ficaram escondidos algum tempo em Poitiers. O abbade Georget foi d'estes. Os amigos em cuja casa tinha encontrado asylo seguro, deixaram-lhe ignorar a verdade por mais d'uma vez. Nem lhe disseram que Pedro Rochereuil tinha sido preso e condemnado.

Elles sabiam què para o livrar, para o salvar, elle era capaz de tentar qualquer audaciosa e inutil empreza. Quando Dégrange, cansado de sacrificios, fundou as suas pernas, o abbade deixou Poitiers, e foi juntar-se na Inglaterra a Luiz Rochereuil. Depois nunca mais se separaram.

Alguns mezes depois da execução de Pedro, mr. Drault foi nomeado conselheiro do tribunal imperial de Poitiers. No primeiro anno da Restauração condemnou os bonapartistas com o mesmo rigor com que havia perseguido os republicanos sob o imperio. Os diversos governos que se tem succedido não tem se não louvado o seu zelo e serviços. Mr. Drault morreu em 1836, sendo primeiro presidente.

Julietta LeFrançois chorou muito. Choroa Pedro Rochereuil, como tinha chorado o seu primeiro amante, Fernando Roy. E' uma creatura amavel, mas que faz trizes aos seus amantes. Encontra-lhe a-homos talvez algum dia.

FEM

(45) **Folhetim**

A. RANC

HISTORIA D'UMA CONSPIRAÇÃO

XXXIII

Toda a gente se descobriu. Rochereuil, em cabelo, de sobrecasaca aberta no peito deixando ver-se-lhe a camiza branca, lançou um prolongado olhar em volta de si. Quando os seus olhos encontraram a eza em que habitava sua mãe, tiveram uma expressão indizivel. As persianas estavam hermeticamente fechadas, e a caza parecia que não era ha muito habitada. Posto que soubesse que sua mãe não tinha ainda voltado a Poitiers, elle sentiu um grande alivio.

O sargento que commandava o pelotão aproximou-se d'elle:

—Mancebo, di-se elle, se quizerdes mandar o fogo, cedo da melhor vontade.

—Commandar o fogo para quê?

—Na verdade!... Mas isso que tem? E' uma maneira de vos elevardes mais ainda.

—Obrigado, sargento! Tenho outras fórmulas de me elevar.

E dizendo isto, foi com passo firme collocar-se a alguns metros do muro, fazendo face ao pelotão.

O sargento seguiu-o.

—Ahi estaes bem, disse este; tende animo; o sacrificio será rapido. Alem d'isso, já recommendei aos soldados que vos apontassem ao peito; os ferimentos na cabeça seriam mais dolorosos, como sabeis. Mostraes que sois um homem. Não me queiraes mal, não? Pois bem. Dae-me a vossa mão, por que será para mim um grande prazer. Se os vigias não gostarem, eu o saberei.

Rochereuil estendeu-lhe a mão, e o sargento apertou-lh'a com effusão. Depois disse-lhe em voz baixa:

—Ficaes ahi?

A um signal affirmativo de Rochereuil, o sargento foi collocar-se á frente do pelotão, fez pôr os seus soldados em linha e ordenou a carga em doze tempos.

Todas as janellas da praça estavam fechadas; mas as formosas damas presenciavam a execução por traz das cortinas.

Rochereuil, de cabeça erguida e olhar sereno apresentava o peito ao pelotão. Na mão direita tinha um lenço, e na esquerda segurava fortemente a carta de Julietta. No momento em que apontavam as espingardas e o sargento ia a dar a ordem de: fogo! elle levantou o lenço e agitando-o exclamou com voz clara e vibrante:

VIVA A REPUBLICA UNA E

INDIVISIVEL

Os doze soldados fizeram fogo. Rochereuil levou a mão direita ao peito, deu dois

passos para deante e caiu. Depois levantou-se sobre um joelho, e gritou ainda: «Viva...» mas uma lufada de sangue lhe assomou aos labios e cahiu com o rosto para baixo.

O sargento e um brigadeiro de gendarmeria aproximaram-se. Este ultimo offereceu a carabina ao sargento dizendo:

—Quereis dar o golpe da graça?

—Não, respondeu o sargento, é inutil, elle está morto! Demais, prometti-lhe nao o desfigurar.

Os gendarmes repelleram a multidão que murmurava surdamente, e pouco a pouco foi-se dispersando.

Levantaram o cadaver, limpam-lhe o sangue e lançaram agua no sitio em que Rochereuil tinha cahido, mas ficou uma larga mancha vermelha.

Dois horas depois um trem de posta chegava á praça do riori: era a sr.ª Rochereuil que, depois de ter visto Luiz embarcar para um pequeno porto bretão n'um navio de contrabandistas, tinha voltado sem ter um minuto de descanso. Viajou a toda a pressa de dia e de noite, e não sabia ainda o que se tinha passado depois da sua partida. Notou pelas ruas uma agitação extraordinaria, mas não suppoz nada. A carruagem parou a sua porta, e a sr.ª Rochereuil apeou-se e tocou.

A sua velha creada veio abrir, e estava banhada em lagrimas. Apenas reconheceu a ama, recuou espantada, e só pôde murmurar:

—Vós, minha senhora, vós hoje aqui! e desatou em soluços.

Polónia, Sardenha e Hollanda foram depostos; que Gustavo III da Suecia e Paulo I da Russia foram para as malvas, e que Carlos IV e Izabel II de Hespanha foram *pentear macacos*, fico com pena de vossa magestade e tenho vontade de chorar!!

Vossa magestade crê nas adulações dos seus aulicos e trata mal quem lhe paga? Faz bem.

Olhe que a sua camarilha é muito *honrada e muito amante* do seu rei, mas se vir o *Zé* caminhar em direcção de Ajuda para ajustar as contas com vossa magestade, fuge e atira-lhe para cima da costas de vossa real magestade com todas as responsabilidades.

Tenha vossa magestade o maior cuidado, deixe-se de perseguir os republicanos, deixe o povo fazer os cortejos, e mande para o diabo os seus conselheiros.

Vá vivendo no seu real palacio, com medo ou sem elle, em quanto o povo pagar, porque isto por enquanto caminha perfeitamente bem, no melhor dos mundos possíveis.

Eu, repito, como *leal amigo*, aconselho vossa magestade a ter juizo. Não queira dominar os republicanos pelo terror. Não faz nada, e deve lembrar-se que cada republicano que entrar para o Limoeiro, é mais um passo dado para a proclamação da republica. Isto é a verdade, e quem o avisa bem lhe quer.

Vossa magestade anda com más companhias! Olhe que o seu *caro valido* está destinado para ser o coveiro da monarchia, segundo a respeitavel opinião d'um ex-aulico de vossa magestade. Ponha-o, quanto antes, com dono, senão vossa magestade é arrastado por elle para o exilio.

O seu *caro* Fontes e todos quantos rodeiam vossa magestade, são monarchicos, não porque gostem de vossa magestade, mas sim por conveniencia de barriga.

O povo, real senhor, já não pode pagar mais! D'aqui a pouco fica sem camisa! Mas quando chegar esse dia, creia o meu rei que o negocio é mais serio! Então teremos a bancarrota, real senhor!

Depois, nem o ferrabraz da guarda municipal, nem o Sergio de Castro, nem o commissario de policia, nem todos os lacaios de vossa real magestade poderão impedir que o cortejo revolucionario castigue os infames que nos ameaçam com a cadeia, porque nós temos a coragem precisa para dizer ao povo quem são e o que valem os lacaios d'el-rei.

Então, como hoje, terá vossa magestade medo!

Já vê, real senhor, que eu não protesto contra as infames e covardes ordens, que nos dias 22 e 23 dimanaram de vossa magestade! Apenas lhe dou bons conselhos, porque vejo que vossa magestade vai em caminho do exilio.

E eu, como *fiel amigo* de vossa real magestade, prometto avisalo quando chegar a hora de arranjar as malas, porque todos me dizem:

El-rei tem medo!

Coimbra.

Microbio.

CLUB ESCOLAR JOSÉ ESTEVAM

Este club reunido em assemblea geral extraordinaria, e por proposta do cidadão Manuel Duarte de Figueiredo, approvou o seguinte:

1.º Que em nome do mesmo club seja redigido e publicado um protesto enérgico mas sensato contra o actual governo pelo seu procedimento despotico e villão, não só para com a associação Fernandes Thomaz, mas tambem para com a nação inteira.

2.º Que esse protesto, depois de publicado em diferentes jornaes do paiz, seja lytographado e collocado em uma moldura nas sallas do club.

3.º Que de hoje em diante o club *Escolar José Estevam*, considere o dia 24 de Agosto de festa nacional e n'essa conformidade o festeje todos os annos com uma sessão solemne.

Nós congratulando-nos com o club *Escolar José Estevam*, louvamos-lhe a maneira digna como elle protesta contra os despotismos do rei e seus servos, e publicamos em seguida o seu protesto.

PROTESTO

Quando um povo começa a libertar-se da atmospheria asphixiante da tyrannia, procura sempre pagar o que a nação deve áquelles que os reis olvidaram ou perseguiram.

Assim, em 1880 nos relembrámos de Camões, cuja epopéa sublime, é um cantico de amor e uma heroica expansão de patriotismo.

Em 1882 realisou-se o centenario de Pombal, o reformador audaz que não trepidou deante do clero nem da realles, empenhado unicamente na regeneração d'este paiz, abatido pelo exemplo dos reis covardes, viciosos, ou perdularios.

Hoje, que se pagará o devido tributo á memoria do poeta e do estadista, procurou-se no seio do povo, um d'esses martyres dedicados, cuja vida é perenne lucta contra os oppressores de seus concidadãos.

Lembrámo-nos de 1820, epocha de heroicas abnegações, como a de hoje o é de repellentes baixezas; lembrámo-nos de *Manuel Fernandes Thomaz*, a alma do synhedrio, o campeão do povo, o orador da constituinte, o espirito educado na escola da Revolução Franceza.

A monarchia tremeu, e para nos impedir a manifestação ousou afirmar que Fernandes Thomaz era essencialmente monarchico!

Fernandes Thomaz era liberal, e simplesmente poderia aceitar a monarchia constitucional como uma transição rapida para a republica.

A resposta fel-os calar, mas lembraremos um alvitre.

Porque não promovem a apothese de João VI, que abandonou o povo deante das bayonetas de Junot, o rei que perjurou a constituição do estado, o ente sem dignidade que queria ser despota, quando unicamente era um tyrannete ridiculo, o homem que se julgou forte, quando não passou de um imbecil?

Façam essa festa, que não reclamaremos, e assim serão coherentes, visto que imitam o proceder d'esse rei sempre prompto a negar hoje o que hontem promettêra.

O sophisna cahiu; restava um recurso, a força, que foi indignamente empregada para promover desordens.

A quem cabe a responsabilidade d'esse insulto ao brio nacional, d'esse attentado contra a segurança publica?

Em primeiro lugar *aquelle que teve medo*, apesar de dizerem que é o unico poder que ainda tem força — ao rei.

Em segundo lugar aos ministros que se curvaram deante da vontade regia, esquecendo que tanto o rei como elles recebem da nação para cumprir as leis e não para as violar.

O insulto dirigido ao povo de Lisboa repercutiu-se por todo o paiz. E' pois em nome da nação que protestamos contra todos os que não sabem manter a dignidade inherente á posição que occupam.

A lucta até hoje tem sido de principios e de ideias; pretendem mudar a para o sanguinolento campo dos odios pessoases. Um dia se arrependerão da sua imprudencia, e esse dia será breve, porque uma nação que quer ser livre ha de sel-o, custe o que custar.

Lisboa e sala do Club Escolar «José Estevam», 25 de agosto de 1884.

A COMMISSÃO EXECUTIVA

José Victorino d'Andrade Neves.
Augusto J. Lopes Dine.
Manuel Martins Correia.
Manuel Duarte de Figueiredo.
Alfredo Cabral.

PELO ESTRANGEIRO

Hespanha

A Hespanha convulciona-se novamente. O governo toma precauções para frustrar qualquer agitação; e o carlismo prepara-se ha muito tempo para pescar nas aguas turvas. De diferentes pontos do paiz recebem-se noticias dando minuciosa conta do movimento que se observa entre os sectarios do absolutismo. Nas montanhas da Catalunha é oite se ameudam as reuniões cobertas e presididas por antigos cabecilhas, citando-se entre outros os

nomes de Pepit del Artesat e Mariano de la Coloma, que se tornaram salientes na ultima campanha carlista.

Como resultado d'essas entrevistas diz-se que se tem feito grande numero de alpercatas e outros artigos de primeira necessidade para as forças que hão-de iniciar este periodo da guerra carlista.

Já ha tempo que se fallava vagamente d'estas manobras occultas dos partidarios de D. Carlos, mas não se lhes dava credito ou importancia, porque as julgavam isoladas, sem relação alguma directa com os centros d'onde emanam as maquinações. O assumpto, por m, vae tomando vulto, e tudo faz crer que o carlismo se prepara para não o colherem desprevenido n'uma proxima sublevação, que deve estalar promovida pelos inimigos do actual systema.

A Hespanha está, pois, prestes a tentar um novo esforço para se emancipar da tutela realenga, que tem affrontado aquelle paiz com tricas e oppressões baixas e ignominiosas. D. Alfonso prevendo o desenlace, passeia pelas provincias, distribuindo sorrisos com o fim calculado de lhe attrair sympathias de quem não pôde por forma alguma esquecer que sob o seu reinado e no fim do seculo XIX a Hespanha se destaca tão desagradavelmente da Europa culta por atrocidades inauditas, e atropellando e manietando as liberdades publicas sem escrúpulo nos meios.

Só pelo terror e pelo despotismo, que não raro faz abater os espiritos mais ativos, é que o filho de D. Izabel se tem equilibrado no throno, d'onde sua mãe foi corrida depois de ter encharcado de sangue as ruas de Madrid e atulhado as prisões de subditos que não contemporisavam com os seus delictos. D. Alfonso, por uma fatalidade d'instinctos, reproduz a mesma serie de actos despoticos que não se coadunam até com a actual constituição do estado quanto mais com as modernas conquistas das regalias populares. E por isso, o filho ha de ser enxotado egualmente do soho hespanhol, como já o foi sua mãe. O throno está um pouco cambado, assenta sobre cadaveres, e os hespanhoes que esperavam pela evolução o transformismo do systema monarchico, perderam as ultimas illusões e chegou-lhes o desgano de que só por um abalo violento que envolva throno, rei e camarilha, poderá a Hespanha resurgir do chaos degradante a que o arrastou a ambição de meia duzia de aventureiros.

Nem á imprensa mais conservadora é permitido respirar livremente. E quando um estado tapa esta valvula por onde a opinião podia dar expediente á analyse mais ou menos acudulada dos actos governamentais, a reacção ha de produzir-se fatalmente e com tanto maior estampido quanto tem sido o empenho em conserval-a hermeticamente vedada.

Esperemos, que os acontecimentos não devem fazer-se esperar.

A. P.

CARTAS

Lisboa, 5 de setembro

Realisou-se no sabbado o julgamento dos individuos, presos no dia 24, por occasião da façanha do commandante da guarda municipal e dos seus soldados, façanha em que este heroe de papellão, se mostrou a sua incompetencia para estar á frente de um corpo de policia, mostrou comtudo que era digno da confiança que o rei n'elle depositava, nomeando-o para aquelle logar, acutilando e massacrando o povo indefeso e pacifico. O sr. de Bragança que o nomeou é porque sabia o que elle valia. O resultado do julgamento era previsto e por isso não causou espanto. Sendo juiz o celebre Firmino Lopes, o strenuo defensor da lei das rotas e submisso *capacho* da realles, o resultado não podia ser outro senão a condemnação das victimas immoladas ao furor dos que queriam mostrar ao sr. de Bragança — *fossem quaes fossem os meios a empregar* — que possuê individuos premtos a *defendê-lo* dos republicanos.

Era advogado o sr. Manuel d'Arriaga que apresentou a acção de in-

competencia, para que os reus fossem julgados pelo jury. Mas accete a acção de incompetencia, deixavam os reus de ser condemnados, porquanto não havia jury algum que commettesse tal attentado, e era isso exactamente o que era preciso evitar, portanto o *integerrimo* juiz não a accitou. Então o dr. Arriaga, justamente indignado com tão revoltante facciosismo declarou que abandonava a defeza e retirou-se da sala.

O juiz nomeou então advogado *ex-officio* o dr. Azevedo, que appellou da sentença. Os reus, porém, desistiram, sendo-lhes applicada a pena que o juiz de certo já levava quando entrou no tribunal. Foi mais um acto monstruoso e indigno que pôe bem em relevo a *independencia* da nossa justiça e a confiança que n'ella podem depositar os que não servem a politica dos accordos e não se apoiam nas traficancias da monarchia. Os jornaes de todos os matizes monarchicos — a *imprensa accordada* — lançaram mão de todos os estratagemas para ridicularisar a imponente manifestação do dia 24 — tornando-se bem salientes n'esta pugna os jornaes progressistas. Batidos, porém, em toda a linha, não só pela imprensa republicana, mas ainda pelos seus correligionarios que não estão de accordo com o caminho trilhado pelos *illustres, honrados e independentes* chefes progressistas, vendo as suas artimanhas, calumnias e falsidades destruidas uma a uma, como simples castello de cartas, e vendo não só a animadversão geral que contra elles se levantava, mas ainda a retirada de muitos dos seus correligionarios que não queriam por mais tempo pertencer a um partido tão falto de dignidade e de convicções politicas, quizeram attenuar o mau effeito pelo ataque á manifestação realisada pelo partido republicano em homenagem a Fernandes Thomaz, apparecendo o *Diario Popular* com um artigo em que condemnava o juiz Firmino Lopes, pela iniqua sentença proferida contra os suppostos criminosos do dia 24. Tal espertiza, porém, não illudiu pessoa alguma; mas parece que não agradeu ao paço e mesmo o *Diario Popular*, para mostrar que era submisso, já na quarta feira, em uma simulada resposta ao nosso illustre correligionario Rodrigues de Freitas, insultava e calumniava o partido republicano. A nós não nos incommodam os insultos e as calumnias de semelhante partido, pelo contrario, desejamo-l-os e applaudimo-l-os, porque elles são o meio mais seguro e effizaz para os illudidos e ainda crentes na *honestidade e patriotismo* de trez sujeitos reconhecerem o erro em que laboram, o que tem acontecido á immensas que hoje se acham filiados no nosso partido, o unico para que pôde salvar o paiz do abismo para que todos os *accordados* o impellem. Continuem, pois.

—O imposto do sal, esse imposto barbaro, impolitico e vexatorio que reduz á miseria milhares de familias, está produzindo os seus nefastos resultados.

Os donos de muitas armações de pesca despediram as companhias por falta de compradores, e muitos donos de canoas de pescada, vendem-na's. A classe pescadora, que era já tão digna de dó e commiseração, por ser uma das mais pobres e que vivia em peiores circumstancias, em vez de ser ajudada pelos poderes publicos, é, muito ao contrario, reduzida á ultima extremidade e obrigada a estender a mão á caridade publica ou a morrer de fome. A commissão nomeada para pedir aos poderes publicos a revogação do cruel imposto, recebeu como resposta, que só em novembro as *côrtes* poderiam revogal-o!!!

O *honrado* governo que se constituiu em dictadura 48 horas depois de encerradas as camaras para promulgar a estulta reforma do exercito; o *honesto* governo que deu de mão beijada 5:000 hectares de terreno a uma companhia, para esta a trespassar, mediante *boas luvas*, e segundo a *imprensa accordada*, pela *posta* que o *ministro leva na assadura*; este *honesto e honrado* governo que pratica diariamente os maiores escandalos e patifarias, precisa que as *côrtes* se reunam para revogar o imposto do sal que reduz á miseria milhares de familias!!! Mas segundo é voz publica ainda os *arranjos* imperam n'esta questão, e a não revogação do impos-

to, se reduz á fome milhares de familias, augmenta os haveres de dois amigalhões dos *honestos e honrados* ministros da monarchia; e só d'esta forma se explica este capricho ou teimosia em conservar um imposto e um regulamento, que longe de augmentar os lucros do thesouro, lh'os diminue.

Desenganam-se porém os pescadores; não é com requerimentos nem com pedidos que elle ha de ser abolido, é pela força, enxotando de uma vez para sempre do poder semelhantes ministros, e abolindo quem sustenta a realles. Emquanto isto existir hão de existir todos os males que lhes são inherentes.

—Crearam-se mais dois centros republicanos, um em Dois Portos, concelho de Torres Vedras e outro em Olhão que contem já grande numero de associados. Este ultimo denomina-se «Associação Eleitoral e Escholar Democratica 18 de junho de 1808». Emquanto a monarchia nos insulta diariamente nos seus jornaes, querendo convencer o povo de que somos desordeiros, e que a implantação da Republica seria uma calamidade para o paiz, e que só ella faz a sua felicidade, este apreciando a devidamente, forma novos centros e engrossa as nossas fileiras, preparando-se para em tempo oportuno fazer o ajuste de contas.

Ao directorio do partido republicano cumpre secundar estes esforços, imprimindo a todas as forças dispersas pelo paiz uma acção de unidade e disciplina que possa ser aproveitada em qualquer momento; o tempo da evolução já passou, é preciso pensar em outros meios se não quizermos, attenta a maneira por que a monarchia vae conduzindo o paiz, acordar um dia com um protectorado estrangeiro — que nos esmague e avite ainda mais. A monarchia de certo preferirá isso a ver implantar a republica.

—Falleceu no domingo o nosso amigo e correligionario Abel da Silva Rosa, socio fundador da Associação Fernandes Thomaz e que actualmente fazia parte dos seus corpos gerentes. Era um character honrado e austero, e um infatigavel propagandista das idéas republicanas.

O partido perdeu n'elle um dos seus melhores e mais dedicados soldados.

—Vou terminar narrando mais uma proeza da nossa boa policia. Falleceu na terça feira um fundidor empregado na fabrica «Tejo», José Luiz Bayão, artista honrado e muito querido de quantos o conheciam. O enterro, que foi civil, realisou-se na quarta feira e quando o cortejo que o acompanhava á sepultura, composto de umas 150 pessoas, chegou ao largo do Intendente, um carro Ripert, guiado pelo cocheiro n.º 29, Antonio Leal, metteu-se pelo meio do cortejo, com risco de atropellar os cidadãos que o acompanham. Foi chamada á intervenção da policia e compareceu o policia n.º 39 da 1.ª divisão, que, em vez de atuar o cocheiro o mandou proseguir o seu caminho, desmanchando a ordem que o cortejo seguia.

Este acto indignou quantos o presenciaram. Em qualquer parte do mundo civilizado em que se desse um facto semelhante, cocheiro e policia soffriam severo castigo por não respeitarem semelhante acto; no nosso paiz, porém, elles são recompensados. Nós abtemo-nos de commentarios.

Mario.

Coimbra, 5 de Setembro 1884.

Depois d'um rapido estudo descobri os verdadeiros potentados cá do burgo!

Temos em primeiro logar os capitães môres regeneradores, que são os mandões vitalicios de Coimbra! E em segundo logar os sr. magarefes, collegas d'aquelles em *poderio*!

Isto de misturar os grandes senhores esfoladores do povo, com os grandes senhores esfoladores das rezes é forte, mas tem a sua razão de ser.

Se o sr. presidente da camara não fosse um protector escandaloso dos magarefes, nós não comiamos *carne* (?) a 230 reis o kilo e não soffriamos a má educação do pessoal dos talhoes, que com mollos autocephalos nos obrigam a levar para casa *carne* quem o diabo pode comer!

O consumidor implora, solicita e

NOTICIARIO

pode com toda a humildade aos srs. magarefes que lhe dêem ao menos um bocadinho de carne que se possa comer, mas estes não cedem aos nossos rogos e ex-abruptamente nos mimoseiam com phrases de radiagem avinhada.

Estes factos repetem-se todos os dias; e eu, por mais de uma vez, tenho assistido ás disputas entre o mal educado magarefe e o pobre consumidor, e pelas maneiras desabridas como respondem a este, conclui que tinham o presidente da camara, com todos os vereadores e mais mandões, na bariga!

Porque, dizem os magarefes: — Leve a carne se quizer, e se não quizer ponha-se a andar e vá a outra parte. — Mas isto é dito com modos de commandante da guarda municipal de Lisboa. E o consumidor que sabe perfeitamente que todos os magarefes de Coimbra tem a educação da policia de Lisboa, sujeita-se a levar para casa sebo, e ossos a preço de 280 reis o kilo!

Consta-me que o proprio administrador d'este concelho, já tem mandado por algumas vezes trocar a carne ao talho, por não se poder comer! E s. s.ª não faz mais nada! Simplesmente manda trocar a carne, e não procede, como tem obrigação, contra os indelicados dos magarefes que nos estão roubando a saúde e o dinheiro, e nem ao menos participa ao Commissario de policia, para este cumprir com o seu dever.

Eu sei perfeitamente que o sr. Commissario nada pode fazer, porque os srs. magarefes podem mais do que s. ex.ª por causa da protecção que lhe concedem aquellos que comem a *bóia posta* sem lhe custar dinheiro. Eu sei tudo isto, mas reconheço que é triste que os habitantes d'esta cidade estejam á mercê de meia duzia de magarefes absolutos, pelo facto d'estes serem protegidos pelos mandões vitalicios. Mas é bem feito, porque o povo é que tem a culpa d'esta patifaria.

Cousas de Coimbra!

—A *Correspondencia de Coimbra*, jornal sergio-regenerador, continua a vomitar calumnias contra o partido republicano, por causa da imponente manifestação republicana que se realizou em Lisboa no dia 24 d'agosto.

Este jornal tem como redactor principal o dr. Rapozas, que lhe manda de Lisboa a sua prosa de regateira palaciana.

Dr. Rapozas quer um osso e por isso grita, como um possesso, contra os republicanos e defende os laçaios do seu real dono.

Quem dá um osso ao Rapozas do *Illustrado*?

—Consta-me que vem a esta cidade, no proximo mez d'outubro, o nosso honrado e distincto correccionario o sr. dr. Jacintho Nunes.

O illustre republicano vem defender os valentes operarios e redactores da *Officina*, n'uma policia que contra elles move o dr. Hermano, proprietario do *Imparcial*.

Este dr. Hermano não é tão valente como o dr. Joaquina d'ahi, mas é um pouco mais pateta.

Dizem-me que vai continuar com a perseguição contra os redactores da *Officina*, porque estes lhe gritam todos os dias: — *Salta de lá mais uma policia!*

Muita sorte dá este dr. Hermano!

—Como sabem, principiou a publicar-se n'esta cidade *A Voz do Artista*, semanario que vem, como valente e leal soldado, alistar-se nas fileiras dos defensores da classe operaria.

O proprietario e colaboradores d'este novo jornal, são todos nossos irmãos no trabalho e como taes dignos do auxilio da classe que tão briosamente vêm defender.

Estes nossos amigos não precisam dos meus elogios, porque, os seus artigos de combate contra os poltrões endinheirados que pretendem esmagar o operario, são o seu diploma honroso e que diz quanto valem estes defensores acerrimos dos filhos do trabalho.

Tem contra si, é verdade, os invejosos e os inuteis; mas para se defenderem das linguas viperinas dos primeiros, tem a penna, rude mas valente; e para se defenderem dos segundos, usam do bico da botá, unica arma capaz de inutilisar os *Hermans*.

Aos meus amigos da *Voz do Artista* envio-lhe um fraternal abraço, desejando-lhes todas as felicidades humanamente possíveis.

Micobrio.

Tendo corrido o boato de estar a praia da Costa Nova incapaz de n'ella se tomar banho, pedem-nos alguns banheiros d'aquella localidade para declararmos que tal boato é completamente infundado. Acrescentam que a praia poucas vezes tem estado em tão boas condições como actualmente.

Antes assim.

O cholera sempre rompeu os Pyreneus e alojou-se na Hespanha, a dois passos de nós. Na Italia recrudescer com intensidade. O perigo está eminente, e ás auctoridades locais cumpre agora mais do que nunca empregar todos os meios ao seu alcance para que o terrível flagello não encontre entre nós onde possa desenvolver-se.

E' no interesse de todos nós que reclamamos as mais energicas providencias sanitarias, que já esqueceram e se abandonaram, como era de esperar, apenas o cholera tendeu a declinar na França. Foi por esse desleixo e abandono que a Italia o importou e que soffre actualmente os seus efeitos, havendo em Spezzia muitos casos de morte fulminante.

E' gravissima a nossa situação pela facilidade com que o cholera pôde estender-se até nós. Crêmos que o governo vae adoptar medidas rigorosas na fronteira; mas ás auctoridades locais cumpre não abrandar na sua actividade, removendo todos os obstáculos que possam oppôr-se á sua livre acção, não contemporisando com apaniguados.

Parece-nos que ningnem, que não seja estupidamente egoista, pôde eximir-se a um sacrificio qualquer que seja para evitarmos que a epidemia nos visite.

Providencias, pois, srs. administrador do concelho e governador civil.

Esteve entre nós, de visita aos seus eleitores o deputado por este circulo, sr. Dias Ferreira. Aportou na quarta feira, á noite, no comboyo descendente, hospedando-se em casa do chefe da facção constituinte (?). Era esperado na gare da estação por uma phylarmonica e por alguns foguetes, que estalaram quando s. ex.ª poz pé em terra do seu circulo.

O nosso representante em côrtes tem andado em villegiatura pela provincia, deixando em varios pontos da sua visita excertos de discursos pescando popularidade, afirmações democraticas, e mostrando-se d'uma reserva despeitada na apreciação da vida politica dos dois satelites que giravam em volta de s. ex.ª, mas que o finorio do Caro desequilibrou da sua orbita com uma *rabanada* (não confundir com a golodice d'este nome).

Ignoramos a que mira o passeio do sr. Dias Ferreira a Aveiro; mas quasi que podemos avançar que é o receio de perder a posse d'este feudo. Os seus constituintes acham-se em desacordo uns, e outros justamente indignados pela nenhuma attenção que a s. ex.ª merece este circulo que em legislaturas successivas lhe tem conferido o diploma de o representar no parlamento.

Mas, qual historia! Se não houvesse aqui capitães-môres, se tivéssemos homens que sobrepozesses o engrandecimento de Aveiro aos seus torpes egoismos e mesquinhos interesses de campanario, ha muito que o sr. Dias Ferreira teria sido apeado do alto encargo. S. ex.ª, porém, conhece o fraco d'esta burguezia analphabeta e inconsciente, e não se importa com este burgo pôdre, pondo o seu aliás grande talento e influencia ao serviço dos mandões que lhe compram a candidatura.

E' vergonhoso, não acham? Que s. ex.ª passe bem.

Por este anno pôde dar-se como finda a safra do sal. Os *moços*, que costumam limitar por conta propria os seus trabalhos ao dia da Senhora das Febres, não tiveram d'esta vez o incommodo de *alagar* as marinhãs, porque as chuvas copiosas que tem cahido estas noites encheram-nas de agua, impossibilitando-as de produzir mais.

A ria tem muito sal, talvez como succede em raros annos. A maior parte achava-se descoberto quando vieram as ultimas chuvas, e é calculado em perto de 400 barcos o prejuizo que ellas cauzaram nos montes, isto é, a Natureza subtraiu este anno ao imposto aproximadamente oito contos de réis!

Referem-nos que um reverendo tonsurado tentou no sabbado passado violentar uma filha do sr. José Joaquim d'Oliveira na propria casa da victimia.

O padre, que nos dizem ser dos lados da Murtoza, dirigiu-se á esposa d'aquelle sr. perguntando se lhe indicava um individuo que vendia adovos. Como o sr. Oliveira trata d'aquella industria e não se achava presente naquella occasião, sua mulher mandou a filha acompanhar o tal reverendo até ao sitio onde se achava o pae. A rapariga ao passar por uma sua casa que tem no Passo do Nivel entrou dentro para procurar um chapéu e o filho do Vaticano aproveitou essa occasião para querer saciar a sua lascivia, tendo antes o cuidado de fechar a porta por dentro. A rapariga ao ver-se preza das garras do miseravel, gritou e teve de saltar por uma janella para escapar á sua ferocidade; e o padrecão fugiu sem que podesse averiguar-se que caminho tomara.

Recomendamos este ministro da Igreja ao sr. bispo-conde.

Ha na freguezia de Cedrim, concelho de Sever do Vouga, idiota ou maniaco ou não sabemos o que, — que se occupa durante a celebração da missa em introduzir as toalhas dos altares entre as pernas e praticar outros desrespeitos ao lugar e ás pessoas. Tem sido advertidas as auctoridades civil e ecclesiastica; mas nada tem feito. Bom será que não durmam indefinidamente no caso.

Ha tempos que noticiando um caso-crime de adulterio com agravante de loucura na mulher offendida e com escandalo e infamia publica, terminavamos perguntando se mais este crime ficaria impune no concelho de Sever do Vouga.

Esta pergunta era dirigida ao sr. juiz de direito d'Agueda. Agora de novo a fazemos ao mesmo senhor e ao sr. delegado. Se o processo não seguir diremos *alguma cousa* que desagradará a alguém.

E' nojentó.

Mais um episodio para a chronica escandalosa das ultimas eleições, em que é protagonista um padre que por uma vingança miseravel tirou o pão a um chefe de familia.

Informam-nos de que o cozeiro da freguezia de Oyã costuma trabalhar de jornaleiro em caza do Pires, lavrador, de Espinhel. Nas ultimas eleições, em Agueda, Pires aconselhou aquelle, segundo dizem, para que fosse deitar uma lista no candidato do administrador. Tanto bastou para os progressistas se irritarem contra o pobre homem, e logo trataram de o demittir do cargo de cozeiro. Para isso foi encarregado o prior d'Oyã, Mello, que não podendo obter que fosse demittido pelo presidente da junta de paróchia, andou de porta em porta pedindo aos membros da junta para o fazer demittir, o que conseguiu.

A pessoa que nos refere este caso merece-nos todo o credito, e não duvidamos por isso recomendar aquelle pastor ao prelado d'esta diocese.

Foi fixado na quantia de 180,000 reis para os simples recrutados, e na de 480,000 reis para os refractarios, o preço das substituições das recritas do exercito e da armada no corrente anno.

Em que ficamos? Isto é dos branganças ou da Inglaterra? Sabem por que fazemos estas perguntas? E' por que vimos algures que a aliada cá do senhor d'esta Parvonia ia exigir-lhe uma indemnisação de 200,000 libras, ou sejam 900 contos, por perdas e danos causados ao commercio inglez pelas quarentenas impostas á navegação nas nossas possessões insulanas, e que a meua aliada ordenou que o

governo portuguez fizesse desinfecção quanto antes o Lazareto, sob pena não sabemos de quê. Provavelmente de o despedir de reendeiro d'estes dominios.

Gostamos da franqueza. A F. glatteria ao menos não emprega palliativos de linguagem. Vae logo ao fim. Isto é uma colonia ingleza, e nos já estamos quasi inglezados á força do seu tagante.

Os tribunaes do sr. D. Lúiz foram d'uma obediencia digna para julgar os individuos que no dia 24 de agosto foram espancados pela policia por dar vivas ao directorio, sendo todos condemnados a diversas penas!

Apanharam pau e foram para a cadeia.

Isto é o paiz classico das liberdades.

Em Olhão, vae formar-se mais um centro republicano que tem por membros ricos proprietarios e os homens mais influentes da provincia do Algarve.

E' realmente admiravel o incremento que vão tomando as ideias democraticas. O desengano que muitos espiritos sinceros vão adquirindo com o sudario continuo e nojentó do systema monarchico é o motor d'este crescer ininterrupto de adeptos ao ideal que vae calando na familia portugueza como o salvaterio da patria, que se acha no ultimo grau do descrédito e da corrupção.

Oxalá cheguemos a tempo de sustar a marcha á catastrophe que nos espera e para onde caminhamos arrastados por uma criminosa indiferença da maior parte.

Foi suspenso por um mez o *maitre* de Gabarret (França) sr. Lapègue, recentemente condemnado a dois mezes de prisão por fraudes eleitoraes.

Isto dá-se nos estados democraticos, onde a moralidade é o lemma que soffre os escandalos, que entre nós são premiados. Ainda não ha muito tempo, o sobrinho do actual presidente da republica franceza, governador na Argelia, teve que vir a Pariz defender-se de tremendas accusações que lhe foram feitas. Não lhe valeu a suprema collocação do thio para o eximir ao incommodo de vir da Argelia justificar-se perante os tribunaes.

Consta que o snr. Barjona de Freitas, filho do snr. ministro do reino e capitão de estado maior, será nomeado director das obras publicas de Macau.

O hazzorra deixou digna progenitura no ministerio.

Safa! que praga.

Contra a debilidade

Recomendamos o Vinho Nutritivo de Carne, e a Farinha Peitoral-Ferruginosa da Pharmacia Franco-por se acharem legalmente auctorizadas.

No dia 3 do corrente foi o 125.º anniversario da expulsão dos jesuitas do reino de Portugal e seus dominios, ordenada por uma lei, que ainda não foi proscripta de direito, mas de facto calçada pela tolerancia d'um governo inepto.

O jesuitismo ganha terreno entre nós com a audacia admiravel. Conta com a podridão d'esta caranguejola e não se esconde já para fazer propaganda dos seus principios.

Entra alvarmente por ahí dentro com um descaro inaudito, e não perde um unico ensejo para avassalar!

A Europa conta em pó de paz nada menos de 3.902.000 soldados, que subirão em caso de conflagração geral a mais de 13.000.000!

Depois da guerra da Criméa houve na Europa tres grandes guerras: — a da Italia (1859) que custou 45.000 victimas e réis 270.000.000.000, a da Dinamarca (1864), que custou 3.500 vidas e 31.500.000.000 réis gastos inutilmente; a da Austria contra a Prussia (1866), que custou 45.000 vidas e 297.000.000.000 réis franco-allema (1870), que custou 250.000 vidas e 2.250.000.000.000 réis e a

da Russia contra a Turquia (1878) que terminou com um balanço de 100.000 homens mortos e 900 mil contos dispendidos!

E' um assombro de morticínios cauzados por caprichos reaes; e um horror de dinheiro dispendido com esse enorme movimento de tropas!

Na quinta feira completaram-se quatorze annos que a França proclamou a Republica, depois da horrível hecatombe franco-prussiana provocada pelo orgulho napoleónico, e onde pereceram perto de 300.000 homens!!!

Foi proclamada pelo illustre tribuno e patriota Gambetta, no Hotel de Ville, sendo Jules Fabre quem tomou a presidencia do governo provisório. Hurrah pela França!

Na Suecia e Noruega encontram-se grandes depositos de musgo que se utiliza para o fabrico de papel e cartão, de excellente qualidade, obtendo-se cartão de dois centímetros de espessura tão solido e duro como a madeira, e que se presta admiravelmente ao polimento e trabalho mechanic, sem que o uzo o desfaça.

Submette-se a uma prensa hydraulica de grande força; e por este meio de torna consistente e proprio para diversissimas applicações.

BIBLIOGRAPHIA

Só por uma demora imperdoavel temos deixado de noticiar a recepção d'uma publicação magnifica, demora devida ao extravio dos fasciculos que nos enviaram. Referimo-nos á *Revista dos Estudos Livres* dirigida em Portugal pelos doutores Theophilo Braga e Teixeira Bastos e no Brazil pelos doutores Americo Braziliense, Carlos Koseritz e Sylvio Romero.

E' uma publicação perfeitamente á altura do espirito moderno, nem outra cousa era de esperar dos seus directores, em que os acontecimentos são apreciados á luz d'um rigoroso criterio litterario sciencífico.

A *Revista de Estudos Livres* não pôde expôr melhor o pensamento que a motiva, nem o intuito que nos estimula, senão apresentando em duas palavras o que Augusto Comte entendia por uma Revista moderna. O eminente transformador da Philo sophia do seculo XIX projectava uma Revista occidental como um orgão de applicação continua da sua doutrina ao curso dos acontecimentos humanos, reasados ou revistos, para a apreciação systematica do movimento intellectual e social nas cinco grandes populações avancadas, franceza, italiana, hespanhola, germanica e britanica.

A *Revista de Estudos Livres* visa á applicação dos eternos principios da liberdade intellectual, moral e politica, aos acontecimentos actuaes, para os julgar e poder deduzir d'elles as condições do progresso. Todas as investigações nos interessam, com tanto que ellas conduzam para um ponto de vista social. Na crise de transformação mental e politica em que vão entrando as duas nacionalidades portugueza e brazileira, filhas da mesma tradição historica, nas quaes o regimen catholico-monarchico subsiste pela inerçia, mas sem apoio nas consciências, é immensamente necessario um orgão critico e especulativo que agremiasse os dois povos para a intelligencia da sua transição inevitavel.

A *Revista de Estudos Livres* tornar-se ha benemerita no dia em que inicie esta convergencia necessaria, até hoje firmada apenas pelo nexo economico e pela concorrência mercantil, formas espontaneas da synthese activa. Entre Portugal e Brazil existem as bases profundas de uma synthese affectiva, como se verificou esplendidamente nas festas do Centenario de Camões, porém as publicações intituladas «Luso-brazileiras», não podendo elevar-se á comprehensão da synthese especulativa, ou accordo mental, cairam diante da chateza da exploração do assignante, obstando pelo descrédito á influencia de um pensamento tão fecundo.

A *Revista de Estudos Livres* procura reatar a alliança mental luso-brazileira; eis o seu fim pratico resultante do actual momento historico.

Eis o programa d'esta magnifica publicação, que, pelos fasciculos que temos á vista, nos parece ser rigorosamente mantido.

Quando o espaço no-lo permittir transcreveremos qualquer dos seus artigos para que os leitores a possam melhor apreciar.

A *Revista dos Estudos Livres* publica-se mensalmente, em fasciculos de tres a quatro folhas, em 8.º grande, corpo 10, formando no fim do anno um volume de 600 a 700 paginas. Fica cada volume por 3\$000 rs.

RIO DE JANEIRO

COLCHONARIA DO GORSARIO

RUA DA ASSEMBLEA — 100

E' prohibido sahir freguez sem fazenda. A questao e de pin-tos á vista.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM



FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

Bibliotheca Romantica Portuense

ANNA BOLENA

POR

D. RAMON DE LUNA

Magnifico romance historico de uma familia maldita, ornado com 24 excellentes gravuras de pagina

No Porto distribue-se semanalmente um fasciculo de 48 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 60 réis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa e feita quinzenalmente aos fasciculos de 88 paginas e uma gravura, custando cada fasciculo 120 réis, franco de porte, pago adiantadamente.

Já está em distribução o primeiro e segundo fasciculo, contendo duas excellentes gravuras representando Carlos V e Diana de Poitiers.

Os srs. assignantes recebem como brinde um magnifico almanach litterario para o anno de 1885.

Assigna-se na Bibliotheca do «Cura de Aldeia», rua do Almada n.º 215 e em todas as livrarias.

A correspondencia para esta publicação deve ser dirigida ao administrador da Empreza—Alvarim Pimenta, rua de Santo Ildefonso 394—Porto.

EMPRESA EDITORA



LISBOA—RUA DA CRUZ DE PAU, 26—LISBOA

ALBUM DE ANEDOCTAS

Revistas, traduzidas e colleccionadas por J. de Magalhães

SENDO certo que este livro se presta pela sua indole á collaboração de muitas pessoas, a empreza, no intuito de o tornar mais agradável e interessante roga a todos os leitores a fineza de lhe enviar para o seu escriptorio uma ou mais anedoctas inéditas de que por ventura tenham conhecimento, as quaes, depois de conveniente harmonizadas na sua redacção com as outras já escolhidas, serão inseridas no «Album», e enumeradas de maneira a poderem concorrer ao premio que a empreza offerece segundo as condições abaixo descriptas.

«Album de anedoctas» será nitidamente impresso em excellente papel e illustrado com graciosas gravuras, por J. R. Christino

CONDICÕES DE ASSIGNATURA: — Sahirá em cadernetas semanaes de 5 folhas a 8 paginas cada folha, custando cada caderneta 50 réis. Haverá um premio de 10\$000 réis em dinheiro, ou vinte volumes á escolha, das obras publicadas pela empreza, á pessoa que enviar a anedocta que maior numero de votos obtiver; e para esse fim cada album será acompanhado de uma circular.

Assigna-se em Lisboa na escriptorio da empreza, rua da Cruz de Pau, 26 e nas principaes livrarias. No Porto, nas principaes livrarias.

GRANDE REVOLUÇÃO

ARENDA-SE uma boa casa de tres andares, na praça do Commercio, onde está estabelecido o grande Hotel Lisboense.

A tratar com a viuva Fontes Pereira de Mello, praça do Commercio, n.º 11 e 12.

PERDEU-SE

DESDE a estação do caminho de ferro d'esta cidade até Travassó uma ceira que continha uma porção de ferragem.

Quem a achasse e queira receber boas alviças pode entregal-a em Ois da Ribeira em casa de Jacintho Tavares da Silva, ou em Aveiro em casa de Domingos Valente d'Almeida, na rua da Corredoira.

XAROPE Phellandrio composto de Roza.

POMADA anti-herpética do Dr. Queiroz.

Deposito em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior

Contra a tosse

Xarope Peitoral de James, unico legalmente autorisa do pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia—Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 9 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

HERPES E IMPIGENS

CURAM-SE em poucos dias com o uso da POMADA ANTI-HERPETICA do Dr. Moraes. E' muito util no tratamento das feridas chronicas.

A' venda nas principaes pharmacias do reino. Em Aveiro, pharmacia Moura; em Ilhavo, João C. Gomes. Deposito geral, pharmacia Maia—Oliveira do Bairro

ANIMAES BRAVOS VIVOS

De todas as especies, compra a Sociedade do Jardim Zoologico e d'Acclimação. Offerta com a de... peças incluindo transportes até... Director-Gerente

Dr. van der Laan Largo do Rego, 9.—Lisboa

ATTENÇÃO

SIMÃO Monteiro de Carvalho, tem a honra de participar a seus ex.^{mos} amigos e freguezes que, até ao fim da estação balnear, se acha estabelecido com armazem de fazendas e artigos de moda na Praia d'Espinho, rua do Bandeira de Mello n.º 20 a 26 (esquina da Praça do Mercado); e finda que seja esta época voltará para Aveiro, esperando que tanto em Espinho como n'aquella cidade, os seus bons amigos continuarão a dispensar-lhe a sua amizade e a confiar-lhe a execução das suas ordens.

Espinho 23 d'agosto de 1884:

LOJA DO POVO

Nos baixos do hospital

AVEIRO

CAFÉ PURO

(Remedio contra o cholera)

ESTA casa torna-se recommendavel pela unica qualidade «Café moido,» diversas qualidades em grão e grande sortido em chá por preços convidativos.

Remete-se o Café para qualquer ponto que for requisitado sendo o pedido acompanhado da sua importancia, adicionando ao preço de 320 réis o kilo mais 10 réis por fracção de 100 grammas para transporte do correio.

ATTENÇÃO

JOAQUIM d'Amaral Fartura & Graça, acabam de receber um grande sortido de baldes venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes alugam por preços commodos.

Os mesmos annunciante se encarregam da collocação de illuminação nos arraaies, assim como adornaamentos de ruas.

Rua de José Estevam, 24 e em Esgueira.

VENDE-SE um foro imposto na casa de D. Maria d'Apresentação Estrella, que paga 19\$000 annualmente

A quem convier dirija-se a casa de Luiz Pereira da Cruz para o fim declarado.

NOVIDADE

GRANDE ARMAZEM DE MOVEIS

26—Rua do Quebra Costas—42

COIMBRA

JOAQUIM DE CARVALHO

PORTO acaba de receber um magnifico e variado sortimento de moveis, tanto de madeira como de ferro, que vende por preços commodos.

Tambem se encarrega de toda a qualidade de trabalhos concernentes á arte de marceneiro e estofador. Os trabalhos são executados com a maior perfeição e os preços são baratissimos.

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao annunciante.

AGULHAS

DE PRIMEIRA QUALIDADE

PARA MACHINAS DE COSTURA

A duzia 130 réis.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, Rua de José Estevão 79

AVEIRO

CARTILHA DO POVO

ESTÁ publicada a 3.^a edição d'este interessante livrinho de propaganda republicana.

Os pedidos devem continuar a ser dirigidos para Coimbra ao editor da Cartilha do Povo, rua do Corpo de Deus, 83. Preço 20 réis.

MUITA ATENÇÃO!!

Estabelecimento de mercearia, confeitaria, salchicharia e conservaria

premiado nas exposições de Philadelphia, Paris e Rio de Janeiro com medalhas de prata e menções honrosas

35 A 39, PRAÇA DO COMMERCIO, 35 A 39

—AVEIRO—

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO chamam a atenção dos seus freguezes e do publico em geral, para o extraordinario sortimento de diferentes artigos, que acabam de receber directamente das principaes casas de Londres, Allemanha, Suissa, Paris, Bordeus e Lisboa, e que vendem a preços sem competidor, em virtude das suas relações com as primeiras casas d'aqueles paizes.

QUEIJOS, Roquefort, Londrino, Gruyer, Prato, Papel e Flamengo. Conservas Inglesas, Francezas e Nacionaes, em frascos. Leite condensado, dos Alpes. Manteiga Inglesa e Normanda em latas e barris. Passas de Malaga. Gelatina branca e vermelha. Biscoitos Ingleses Francezes e Nacionaes. Pastilhas de hortelã pimenta. Farinhas de Maizena Seruy, Tapioca, Cevadinha, Ervilha, Fava, Batata, Sagú e Perles du Nizam. Alcaparras em frascos. Mustarda em pó e preparada. Julienne em pacotes. Champignons e Trutas em latas. Lagosta Inglesa e Salmão em latas. Presuntos Ingleses, Allemaes, de Lamego e Melgaço. Figos Ingleses em caixinhas. Doce de Goyaba do Brazil, em latas. Cocos muito frescos. Fructas de todas as qualidades em compota, seccas e cristalizadas. Marmelada Franceza em latas e em quartos.—Carne assada. Carneiro com Ervilhas, com feijão, guizado. Mão de Vacca. Costeletas de Vitella. Lingua de Fricassé. Massa de tomate. Ervilhas. Couve flor. Broculos. Repolho e Grellos, tudo em latas.—Salame de Italia e Lion. Doce de Gilla em latas, de Laranja em lindos boões de porcelana. Doce de especie muito fino, das melhores confeitarias de Paris. Sardinhas de Nantes. Fructas do Brazil em latas. Ditas em caixinhas de phantasia. Rebuçados Francezes. Pastilhas de Gelatina e Gomma Arabica. Chocolates Francezes e Hespanhoes. Chá, Café e Arroz de todas as qualidades. Azeitona d'Elvas e de Sevilha. Geleia em copos. Queijadas de Cintra, da Sapa, Pastels do Cócó. Broas do Natal. Morcellas d'Arouca. Unto de pingue Italiano. Manteiga de Cintra, e d'Arouca. Uma variedade extraordinaria de Licores, Cognacs, e bebidas de todas as qualidades. Vinhos de Champagne, Bordeus, Jerez, Madeira, Porto, Bucellas, Collares, Caravellos e Alemtejo. Assucars Allemaes Ingleses e da Ilha da Madeira, cristalizados, finos e areados. Laranjinha do Parary. Pudins economicos em dois minutos, de 1/2 kilo, a 50 réis!!! Pimentinhas em frascos. Queijo da Serra de Estrella e de Niza. Chourico e Paio de Lamego e Castello de Vide. Mexilhão e Ovos molles em latas.

Papeis de todas as qualidades e objectos para escriptorio Surprezas e brinquedos para creanças. E muitissimos outros artigos, que seria impossivel ennumerar.

N. B.—Enfeitam-se tableiros pelos systemas das confeitarias de Paris e Lisboa.

José dos Santos Gamellas & Filho

Empreza

INDUSTRIAL PORTUGUEZA

CONSTRUÇÕES NAVAES COMPLETAS

Fundicção de cannos, columns e vigas por preços limitadissimos

CONSTRUÇÃO DE COFRES

PROVA DE FOGO

Construção de Caldeiras

A EMPREZA industrial portugueza, actual proprietaria da officina de construcções metalleas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores como nas provincias, ultramar, almas ou no estrangeiro, de quaisquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Accetta portanto encomendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes. tais como telhados, vigamentos, culpas, escadas, varandas, machinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios e rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres a prova de fogo, etc.

Para a fundição de columns, cannos e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em deposito grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encomendas de fundição tem a EMPREZA um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 20, do aterro, onde se encontram amostras e patrones de grandes ornatos e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se aconhem quaisquer encomendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, Santo Amaro.—LISBOA.

Contra a debilidade

Farinha Peitoral Ferrugino-sa da Pharmacia Franco, unica legalmente autorisada e privilegiada. É um tonico reconstituente, e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, amrca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE



Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approved pela junta consultiva de saude publica.

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispensia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou macção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doencas, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom Bifeleck.

Esta dose com quaesquer bolachinhas e um excellentes lunch para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para accetar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, tome-se igual porção ao toast, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolveros das garrafas devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco, em Belem.

DEPOSITO em Aveiro, Pharmacia e Drogaria Medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

EMPRESA

NOITES ROMANTICAS

08 CIGANOS DA REGENCIA

POR

XAVIER DE MONTEPIN

Illustrada com lindas e magnificas gravuras de F. Pastor.

Cada caderneta de 5 folhas ou 4 e uma estampa, por semana custa 50 rs.

Brinde á sorte pela extracção da 1.^a loteria portuqueza que tiver logar em seguida á conclusão do quarto volume:

Uma inscrição de—100\$000. Correspondente em Aveiro, Caetano Joaquim d'Azevedo, R. Direita.